

Comentário sobre a Lição VII - Seminário III - As Psicoses (Lacan)¹

Luiz Alberto Tavares

Estamos hoje com Lacan, em torno do tema do pai, no Seminário *As psicoses* que é de 1955-1956. Sabemos que Lacan já havia falado sobre o Nome-do-Pai em momentos anteriores do seu ensino, mas é nesse seminário que ele vai apresentar uma versão um pouco mais desenvolvida desse conceito, quando retoma, ao longo de algumas lições, as formas de negação da castração em Freud: Verneinung, Verdrängung e sobretudo a Verwerfung. Aqui, nesse momento, é do pai simbólico que se trata, do significante Nome-do-Pai, como aparece nos seus primeiros seminários.

Na lição de número VII que vamos comentar - e que nessa edição se intitula *A dissolução imaginária* - antes de adentrar nas considerações sobre o caso Schreber, Lacan busca situar alguns aspectos da noção de narcisismo que não estariam ainda elucidadas na obra de Freud. Ele vai então retomar o narcisismo como a relação imaginária central nos relacionamentos inter-humanos, acentuando o seu caráter ambíguo.

Antes ele dá um pequeno passo atrás para nos falar de Dora, essa histérica que tem relações muito singulares com o objeto. Justamente o verdadeiro objeto de amor que não foi percebido por Freud na transferência e que resultou na interrupção do seu tratamento. Freud achava que ela se encontrava na impossibilidade de se desvincular do seu objeto principal de amor, o pai, para dirigir-se a outro homem. Mas o que se verifica é que o objeto de interesse de Dora era a senhora K, que era precisamente a amante do seu pai. A história, que todos vocês conhecem muito bem, gira em torno desse quarteto: Dora, seu pai, o senhor K. e a senhora K. Aqui Lacan diz que o senhor K. serve de *eu* para Dora na medida em que é pelo seu intermédio que ela pode sustentar uma relação com a senhora K. Sustentar essa relação como suportável. Verificamos

¹ Comentário apresentado no Seminário Institucional, restrito aos Membros do Espaço Möebius, (abril 2022).

que esse quarto mediador é essencial na manutenção da situação e isso tem toda a sua importância para o tema que nos aproximamos hoje. Mas essa importância não é porque a senhora K. tem o mesmo sexo que ela, diz Lacan, mas é, sobretudo, porque Dora tem com o seu pai, ao mesmo tempo, uma relação de identificação e de rivalidade, acentuando-se o fato dela ter uma mãe que se mostra inteiramente apagada na história familiar.

Sabemos que é o amor ao pai que é o motor desse caso. Dora toma para si a tarefa de manter, dar apoio, ao desejo do pai pela Sra. K, mas essa tarefa só podia ser realizada na medida em que o Sr. K estava envolvido como um quarto elemento. Para sustentar seu desejo, diz Lacan, Dora precisa realizar uma identificação imaginária “*com um pequeno outro que, por sua vez, está em condições de satisfazer o desejo*”. Esse pequeno outro é o Sr. K (objeto de identificação imaginária).

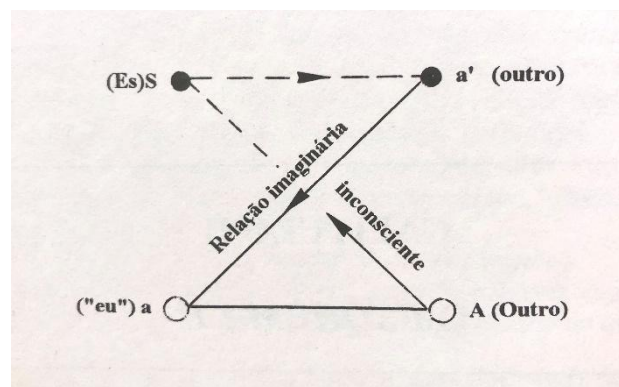


Fig. 1 - Esquema L - Seminário III, p.22 (LACAN).

Para situar esse cenário devemos retomar aqui o esquema L, bem conhecido de todos, que é essa construção topológica que nos possibilita vislumbrar o funcionamento da fala, como ela se ordena a partir do imaginário e do simbólico, tomando como referência o Outro (A). Quem fala, e a quem fala? O sujeito não pode se imaginar como eu, em *a*, senão a partir da imagem do seu semelhante (*a'*) em uma relação em espelho. Ele se endereça ao outro, seu semelhante em (*a'*), mas sua fala visa ao mesmo tempo o Outro. É desse Outro, lugar do código, que ele recebe, na realidade, sua mensagem, sob uma forma invertida. A fala se origina assim não do sujeito, mas do lugar do Outro que constitui o sujeito em uma determinação simbólica. A flecha A-S

não chega a S senão como um pontilhado. Ela é, de algum modo, quebrada pela travessia da flecha a-á. O discurso do Outro não chega ao sujeito a não ser em pedaços cortados, em pontilhado, através da grade imaginária. O esquema L depende pois dos lugares e das relações que suportam as flechas e que ordenam as possibilidades de permutações ou deslocamentos dos seus lugares.

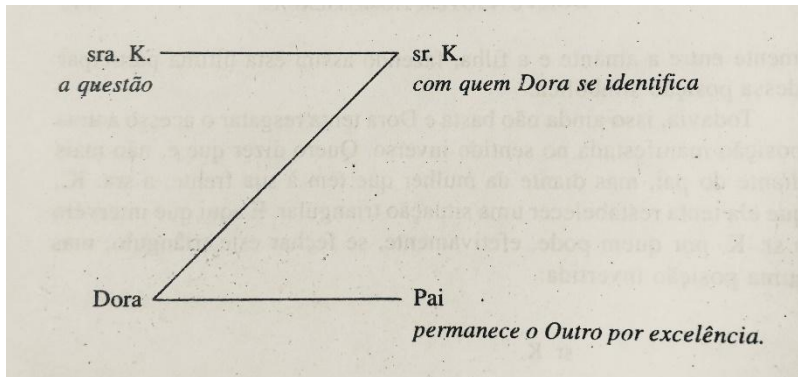


Fig. 2 - Caso Dora – Seminário IV, p. 140 (LACAN).

No caso de Dora os quatro termos são: o pai, a filha, o Sr. K e a senhora K. Sabemos que Dora é muito ligada ao pai e introduz entre este e a sua amante o sr. K, se deixando cortejar por ele. Lacan diz: se Dora ama por procuração a senhora K é porque, em S, ela metaforiza sua própria questão inconsciente: *o que é uma mulher?* É, sem saber, que ela sustenta esse amor pelo senhor K. Mas eis que o senhor K, em um passeio no lago, resolve dizer à Dora que sua mulher não significava nada para ele.

Segundo Lacan, o equilíbrio teria aí se rompido, pois tudo se passa nesse momento como se ela lhe respondesse: *Então o que você pode significar para mim?* O que leva Dora a esbofeteá-lo na sequência, e isso vai desmontar a relação ambígua e necessária que ela tinha com o mesmo. É quando o quarto personagem sai de cena que a situação desmorona e Dora passa a desenvolver uma pequena síndrome de perseguição em relação ao pai. Dora diz que o pai quer prostituí-la, que ele quer entregá-la ao senhor K. para ficar com a mulher dele. Seria ela uma paranoica? Interroga Lacan nessa lição, para em seguida dizer que não se trata disso, alertando para o cuidado que devemos ter ao fazer um diagnóstico de psicose. Ao longo desses anos, inclusive na minha experiência como psiquiatra, pude verificar que alguns pacientes tinham o diagnóstico

de psicose (diagnóstico mais fenomenológico) mas que, na realidade, se tratavam de neuróticos com manifestações psicóticas. Sabemos os efeitos nefastos que um diagnóstico indevido pode ter na vida desses sujeitos.

Lacan nos assinala então que, no caso de Dora, não basta só a reivindicação em relação ao pai, que estaria agindo contra ela, para que seja diagnosticada como psicótica, seria preciso identificar distúrbios na ordem da linguagem: neologismos, as frases interrompidas, a referência a si na terceira pessoa (ele no lugar do eu), ou o seu próprio nome referido como terceiro. Dora experimenta em relação ao pai um fenômeno interpretativo, alucinatório, mas se trata de uma outra lógica, diferente daquela do psicótico. Lacan se aproxima, nesse texto, da modificação no nível da alteridade do personagem para situar o cerne do problema do narcisismo que está intimamente ligado à formação do eu. Trata-se com efeito de uma relação erótica, identificação erótica, ou seja, da apreensão do outro pela imagem numa relação de cativação erótica pela via da relação narcísica – mas que é também a base de uma tensão agressiva. Ele já aponta para isso, nessa lição, ao situar na dimensão clínica, as bases em que se estabelece essa relação ambivalente de Dora com o seu pai.

Lacan ressalta que a partir do momento em que a noção de narcisismo entrou na teoria psicanalítica a questão da agressividade foi colocada no centro dessas relações. Sabemos que é a essa organização original do eu e do objeto que são referidas todas as reações agressivas. É o estágio do espelho que nos permite situar a natureza dessa relação agressiva e de que modo ela intervém na formação do eu da qual ela é constitutiva.

Como vimos, Lacan nos diz que o eu é, desde já, por si só, um outro que se instala na dualidade interna ao sujeito. Ele refere nessa lição que: *“para que haja relação de objeto, é necessário que haja anteriormente relação narcísica do eu e do outro. Ela é a condição primordial de toda objetivação do mundo exterior”*. E acrescenta que: *“o eu é esse mestre que o sujeito encontra num outro, e que se instaura em sua função e domínio no cerne de si mesmo”*. Refere que em toda relação erótica com o outro há

algum eco de exclusão: *é ele ou eu*. Está, portanto, sempre implicada a exclusão ou destruição do outro no plano imaginário.

Uma pequena referência aqui ao texto *A agressividade em psicanálise* (1948), correlativo ao Estádio do espelho, que é de 1949. Nesse texto, apresentado em cinco teses, Lacan (*Escritos*, p.112) refere na Tese IV:

“A agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades características de seu mundo”.

O que fica aí posto por Lacan é que o sujeito, ao se constituir dessa forma, coloca o outro na condição de estar sempre prestes a retomar seu lugar de domínio em relação a ele, que nele há um eu que é sempre, em parte, estranho a ele. Nessa lição Lacan põe em evidência o paradoxo: o fato de que há conflitos entre as pulsões e o eu, e que seria preciso fazer uma escolha, havendo aquelas que ele adota e outras que não. Ele diz que chamam isso a função de *síntese do eu*. Mas essa síntese na realidade jamais se realiza e nos propõe falar em função de mestria. Ele indaga: mas esse senhor onde está? No interior ou no exterior? E responde: *está sempre ao mesmo tempo no interior e no exterior, e por isso todo o equilíbrio puramente imaginário com o outro se encontra fadado a uma instabilidade fundamental*. Vemos aí a crítica que ele faz a essa noção do eu centrada no sistema percepção-consciência, que seria organizado pelo princípio da realidade.

Uma observação: Lacan utiliza as duas formas do “eu” em francês (*je* e *moi*) sendo que o *moi* se refere ao *das Ich* em alemão, traduzido como ego na edição brasileira, enquanto que o *Je* se refere, ao longo da obra de Lacan, ao sujeito do inconsciente. Geralmente nas traduções o *Je* aparece como *Eu* e o *moi* como *eu*.

Um outro ponto interessante, no texto sobre a agressividade (*Escritos*, p.116), é quando Lacan chama a atenção para as reações emocionais e os testemunhos articulados ao fenômeno do *transitivismo*, para falar da captação da imago da forma humana, que vai ditar todo o comportamento da criança na primeira infância. Ele dá alguns exemplos que são bem conhecidos, como o da criança que bate e que diz, em seguida, que

bateram nela, ou a que vê outra criança cair e começa, ela própria, a chorar. Esses exemplos indicam, assim, essa ambivalência em relação à imagem do outro. Seguindo, ainda esse texto, verificamos então que a identificação à imagem primordial se dá a partir de um outro de si mesmo, implicando sempre numa relação com a agressividade que é agravada pela confusão com a imagem do outro, como nos exemplos que ele nos dá aqui no transitivismo.

Voltando agora à nossa lição, Lacan faz então uma aproximação com a psicologia animal para destacar o papel fundamental representado pela imagem na relação dos animais com seus semelhantes. Toma o exemplo do carapau para justamente falar desse ponto limítrofe entre o eros e a relação agressiva constitutiva do humano, e que é posto muito bem em evidência nessa espécie de peixe. Relata que o carapau demarca um território importante, no fundo do rio, entre as algas, quando chega o seu período de ostentação visando o acasalamento. Ele realiza uma verdadeira dança com o objetivo de encantar a fêmea e leva-la para um pequeno túnel preparado para isso. Mas tem algo que não se explica muito bem. É que uma vez isso realizado o peixe faz antes um monte de buraquinhos no entorno dessa cena, se apropriando de um campo do exterior, e qualquer macho que entre nessa área demarcada desencadeia nele reflexos de combate. Alguns pesquisadores fizeram experiências variando a aproximação do rival ou mesmo tentando enganar o carapau. Num e noutro caso eles observaram que a perfuração dos buracos, feitos durante a ostentação, e mesmo antes, é um ato ligado essencialmente ao comportamento erótico. Na experiência, se o invasor se aproxima a uma certa distância do lugar definido como território, a reação de ataque se produz de imediato no primeiro macho. Se o invasor está um pouco mais longe, ela não se produz. Mas há um ponto em que o carapau se vê entre atacar e não atacar. Ponto limite, de vacilo, definido por uma certa distância. E o que aparece? Ele começa então a cavar buracos - que é uma manifestação erótica, uma atividade do comportamento sexual. Isto é, quando não sabe o que fazer com o semelhante do mesmo sexo, quando não sabe se é preciso atacar ou não, ele se põe a fazer algo que ele faz quando se trata de acasalar. Ou seja, a imagem do outro semelhante o coloca nessa reação limite entre eros e agressividade, assinalada

pela escavação dos buracos. Essa ambiguidade, esse ponto de vacilo, aqui exemplificado, será abordado por Lacan mais adiante ao falar do Complexo de Édipo. É assim que ele retoma, a partir daí, a imagem como essencial para o pequeno humano, como complemento da sua insuficiência original, seu desconforto, ou o seu desacordo constitutivo, ligado à prematuração do nascimento. Como vimos, sua unificação não será jamais completa porque é feita justamente por uma via alienante, sob a forma de uma imagem sempre estranha. O que a gente vê aqui, então, é que a tensão agressiva desse *eu ou o outro* está absolutamente integrada ao funcionamento imaginário do humano. O trágico disso tudo é a constatação de que a alienação fundamental carrega essa condição da agressividade. É o preço que pagamos para entrar nas relações humanas. Lacan comenta, entretanto, que a agressividade não coincide com a agressão ou mesmo a violência, ela é subjacente a esses atos, mas também a outros tantos, pois está presente nas atividades filantrópicas, pedagógicas, idealistas e etc. Esse é o outro lado da história, e conhecemos muito de perto os exemplos do que se faz em nome do bem.

Em seguida, Lacan avança na lição assinalando que a ambiguidade, a hiância da relação imaginária exige alguma coisa que mantenha: *relação, função e distância*, e que seria esse o sentido do Complexo de Édipo. Lacan transforma então o Complexo de Édipo na estrutura de passagem da natureza à cultura por meio da introdução do sujeito na ordem simbólica. Ele chama a atenção de que a ordem simbólica, ou o campo simbólico como ele vai nomear depois, deve ser concebido como alguma coisa de superposta e que ao nos depararmos, por exemplo, com uma sepultura, que porta um esqueleto, o humano se escreve aí com o seu nome na pedra. Esse nome ultrapassa a sua existência vital e se perpetua para além disso. A ordem simbólica subsiste assim fora do sujeito, distinta da sua existência.

Lacan mostra então que é o pai que atua como barreira, limite ou mesmo contenção em relação a imaginarização dual e mortífera que está em jogo na relação especular nos primeiros tempos de inserção da criança no complexo de Édipo, quer dizer, essa relação

imaginária, conflituosa, incestuosa, e que estaria destinada a nos levar à ruína, a nos encaminhar em relação ao pior. Ele diz nessa lição:

“Será preciso uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação, no conjunto, está fundada na existência desse nome do pai”.

Penso que nesse ponto Lacan faz, em alguma medida, sem explicitá-lo, uma passagem do pai de Dora ao pai de Schreber para verificar justamente esses efeitos estruturais e como isso se articula particularmente pela via da linguagem na resposta delirante ao pai. A pergunta que estamos aqui a nos colocar é: o que é o pai? Sabemos que não há uma resposta universal, na medida em que para a psicanálise não há um “ser pai” puramente encarnado, não é do pai biológico que se trata. A partir do que Lacan nos expõe nessa lição a pergunta deve ser assim reformulada: Que pai ela (Dora) ou ele (Schreber) teve? Ou seja, enquanto *função*, o que aí operou? Que efeitos daí adviram? As respostas, sempre singulares, seriam então verificadas a posteriori.

Ao longo de toda a terceira parte dessa lição VII, Lacan volta a se debruçar, como o fez em outras lições desse seminário, sobre o livro de Daniel Paul Schreber - *Memórias de um doente dos nervos* (1903) em torno do qual Freud publicou, em 1911, as suas *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. Lacan parte então da função da articulação simbólica, que ele havia assinalado anteriormente, para falar dessa verdadeira invasão imaginária que Schreber nos revela em seus escritos autobiográficos, chamando a atenção, nesse caso, para a impressionante dissolução do outro enquanto identidade.

Antes de seguirmos na lição retomo alguns dados da história de Schreber, já conhecidos de todos, mas que acho importante aqui sinalizar. Sua doença se manifesta em um primeiro episódio (1884), após sofrer uma grande derrota nas eleições parlamentares, apresentando graves sintomas hipocondríacos, que resultaram no seu internamento, quando foi tratado pelo Prof. Flechsig e se estabiliza em seguida. Cinco anos depois, como juiz, ele foi nomeado, por ordem do rei, como presidente da Corte de apelação

de Dresden, cargo de caráter vitalício e irrecusável (seria um crime de lesa-majestade). Esse apelo simbólico, a que foi confrontado, teria produzido nele efeitos significativos. Um mês após a sua nomeação volta a ser internado quando está muito angustiado, insone, e um fenômeno estranho lhe ocorre antes da eclosão da psicose: uma manhã, na cama, já acordado ou ainda dormindo (é como uma incerteza que isso é descrito na sua autobiografia), ele teve uma sensação que o perturbou profundamente: era a ideia de que “*deveria ser uma coisa realmente bela ser uma mulher se submetendo ao coito*”. O que fica constatado é que essa ideia não se configurou como um fantasma e constitui o objeto de intensos protestos de Schreber na época. Causa nele repugnância e estranheza. É insuportável. Não é possível inscrevê-la em sua história, vem do exterior, de fora, é da ordem do real. Nesse momento ele lê em um jornal o anúncio de sua própria morte e tem a visão também do cortejo fúnebre do Prof. Flechsig, seu duplo imaginário, que voltou a ser seu médico e cuja transferência também teria repercutido no desencadeamento da sua psicose.

É nesse período, descrito por Schreber como “sagrado”, que passa, através do seu escrito, de uma recusa para a aceitação da sua emasculação visando criar “uma nova raça de homens”. Lacan fala aí da morte do sujeito e da sua resignação a essa condição de ser *A mulher de Deus*. Ele vai comentar a respeito do delírio de Schreber, mais adiante, na lição XVI, p.238:

“Temos a impressão de que é na medida em que ele não conseguiu, ou perdeu esse Outro, que ele encontra o outro puramente imaginário, o outro diminuído e decaído com o qual não pode ter outras relações que não as de frustração – esse outro o nega, literalmente o mata. Esse outro é o que há de mais radical na alienação imaginária”.

Nessa dissolução imaginária, volta a apontar Lacan na lição VII, o que se verifica é uma fragmentação da identidade de Schreber que aparece em sua obra no Flechsig fragmentado, no Flechsig superior, no Flechsig iluminado, fragmentação essa que ele chama de *divisão de almas*, chegando a haver, segundo ele, de quarenta a sessenta subdivisões da alma de Flechsig. Há ainda a interpenetração das imagens entre elas, identidades múltiplas de uma mesma personagem, pequenas identidades enigmáticas

que ele chama de *homenzinhos*. São identidades que tem em relação à sua própria identidade o valor de instância, penetram Schreber dividindo-o. O que vemos é que ao ser lançado, ejetado mesmo, sobre o eixo imaginário (a-a´) Schreber fica a princípio, *sem recursos diante de um Outro absoluto*.

Lacan nos pontua que para fazer face à iminência do seu aniquilamento, para que tudo não se reduza de repente a nada, condição essa da qual Schreber não estava longe no início da sua psicose, é que ele precisa lançar mão de uma rede de natureza simbólica, que permita conservar uma certa estabilidade da imagem. Sabemos que a criação da sua *língua fundamental*, como Schreber a denomina, tem aí a sua função relevante. Freud nos seus comentários sobre Schreber já trazia um grande avanço, na época, em relação à compreensão da psiquiatria sobre a psicose, ao enfatizar a função do delírio e sua posição em relação ao aniquilamento do mundo no paranoico. Cito Freud (1974, [1911], p.94-95):

“O paranoico constrói-o (o mundo) de novo, não mais esplêndido, é verdade, mas pelo menos de maneira a poder viver nele mais uma vez. Constrói-o com o trabalho de seus delírios. A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução. Tal reconstrução após a catástrofe é bem sucedida, em maior ou menor grau, mas nunca inteiramente...”

Lacan faz um comentário sobre a questão dos fenômenos de audição presentes de uma ponta a outra no delírio de Schreber e que nos possibilita verificar como a sua língua fundamental busca se articular, em alguma medida, em uma trama simbólica. É assim que em muitos momentos aparece no seu delírio os deuses Ormuzd e Ariman, que verifiquei serem oriundos da mitologia persa, e que ele passa a denominar respectivamente de deus superior e deus inferior, cuja cena aludida por Lacan, nessa lição, encontramos das memórias de Schreber (1983 [1903], p. 143). Citarei a cena porque ela nos revela como a língua fundamental se impõe a ele:

“Acredito poder dizer que neste momento, e só neste momento, vi a onipotência de Deus em toda sua pureza. À noite – e até onde me recordo, em uma única noite – apareceu o deus inferior (Ariman). A

*imagem resplandecente de seus raios – estando eu deitado, não dormindo, mas acordado – ficou visível para o meu olho espiritual, isto é, refletiu-se no meu sistema nervoso interno. Ao mesmo tempo eu o ouvi em sua língua; mas esta não era – como sempre foi o caso da conversa das vozes antes e depois dessa época – um leve sussurro, mas ecoava, por assim dizer, bem em frente à minha janela como um poderoso tom de baixo. A impressão era tão imponente que ninguém teria deixado de tremer dos pés à cabeça, a não ser que, como eu, já estivesse calejado pelas terríveis impressões provocadas pelos milagres. O que era dito também não tinha um tom amistoso; tudo parecia calculado para me inspirar medo e terror e ouvi várias vezes a palavra Luder – uma expressão muito comum na **língua fundamental** quando se trata de fazer com que uma pessoa que vai ser aniquilada por Deus sinta o poder divino”.*

Lacan ressalta que a palavra *Luder* citada por Schreber, traduzida do francês nessa lição como charogne/*carcaça*, mas que alude também a *puta* e a *doce podridão*, domina o face-a-face único com Deus, e não comporta simplesmente a face do aniquilamento, mas carrega a dimensão erótica da injúria, frequente nas relações que o parceiro divino mantém com Schreber.

Ainda alguns comentários em relação à língua fundamental. Aqui a palavra não possui uma significação comum compartilhada e convencionalizada pelo código geral da língua, pois ela mesma funciona como um código. Na língua fundamental as palavras são definidas pelas relações que elas mesmas enunciam, não pela relação com outras palavras. Os raios divinos dos quais emanam as vozes que falam com Schreber são entificações das palavras, ou seja, das próprias vozes: *Os raios é que eles devem falar*. Lacan comenta que ao nos descrever as coisas que pertencem à língua fundamental Schreber distingue duas categorias: de um lado as que são *echt* - que quer dizer verdadeiro - palavras faladas sob formas verbais. E, por outro lado, o que é aprendido de cor, inculcado a certos elementos periféricos, decaídos da potência divina, repetido com uma total ausência de sentido, aparecendo como se fossem refrãos (ou ritornelos). Frases que aparecem como interrompidas, deixando o sentido da mensagem em suspenso. Lacan diz que vemos aí uma valorização da cadeia simbólica na sua dimensão de continuidade. Há, portanto, em Schreber, a todo momento, essa percepção

do risco de aniquilamento, da redução a essa unidade que destrói, não a sua existência, mas a de Deus, que para ele é *fundamentalmente* linguagem.

Lacan sinaliza, ainda nessa lição, que aqui não se trata do outro na dimensão do “ele” que em Schreber está perdido, já que é só o “tu” que subsiste. Não se coloca para ele a terceira pessoa, mas uma segunda como um “tu”. Esse “ele” a que se refere não é aquele que vemos em nossa frente, mas essa instância terceira, de referência, que possibilitaria esse ponto de distância entre o eu e o outro. Lacan sinaliza que o drama de Schreber é que esse “ele” se reduz a um só parceiro, esse Deus - assexuado e polissexuado ao mesmo tempo - e que lhe infringe a marca da feminização. Mas é também graças a esse Deus que lhe imputa uma palavra verdadeira e enigmática que a sua língua fundamental pode ser constituída.

Para finalizar, algumas palavras sobre o pai de Schreber: o que sabemos desse pai real é que se tratava de alguém cujo nome se tornou eminente no campo social pelos métodos pedagógicos de tortura que propunha e que utilizava inclusive na sua educação dos cinco filhos, afirmando que os resultados teriam sido excelentes. Os dois filhos homens: um se suicida aos 38 anos e o outro (Schreber) enlouquece posteriormente. Esse pai não se assujeitava à lei, ele encarnava a lei. Ele inventava e impunha a lei, deixando Schreber submetido a uma alienação radical, com o aniquilamento do próprio significante, impossibilitado de metaforizar, simbolizar a sua falta-a-ser. Cito Lacan em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (Escritos, p. 563-564):

“Tentemos agora conceber uma circunstância da posição subjetiva em que ao apelo do Nome-do-pai corresponda não a ausência do pai real, pois essa ausência é mais do que compatível com a presença do significante, mas a carência do próprio significante...”

A presença do significante no Outro é, com efeito, uma presença vedada ao sujeito na maioria das vezes, já que, comumente, é em estado de recalçado (Verdrängt) que ela persiste ali, que dali insiste em se representar no significado através do seu automatismo de repetição...”

Mais adiante Lacan utiliza então o termo *Verwerfung* para designar esse registro como a ausência da *Bejahung*, ou juízo de atribuição, que Freud postula como precedente a

qualquer aplicação possível da Verneinung, que ele lhe opõe como juízo de existência. Lacan assinala que é ao significante que se refere a Bejahung primordial, sendo a *Verwerfung*, portanto, a forclusão do significante.

Finalizo com a sequência dando a citação:

“No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-pai, pode, pois, responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica. Essa é a única forma pela qual nos é possível conceber aquilo de que Schreber nos apresenta o resultado, como sendo um dano que ele só tem condições de desvendar parcialmente, e onde, diz-nos, com os nomes de Fleshsig e Schreber, a expressão “assassinato de almas” (Seelenmord) desempenha um papel essencial”.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund (1974). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* [1911]. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. XIII.

LACAN, Jacques (1998). *A agressividade em psicanálise* [1948]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.112 e p.116.

LACAN, Jacques (1988). *O Seminário, Livro 3: As psicoses* [1955-1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.106-120, p.238.

LACAN, Jacques (1998). *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* [1957-1958]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.564.

SCHREBER, Daniel Paul (1983). *Memórias de um doente dos nervos* [1903]. Rio de Janeiro: Edições Graal.